



ISSN: 2230-9926

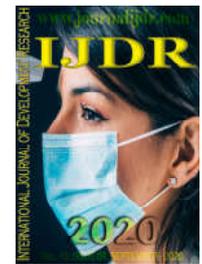
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*

Vol. 10, Issue, 09, pp. 39962-39968, September, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19963.09.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM DISLEXIA E TDAH

\*<sup>1</sup>Rosamaria Reo Pereira, <sup>2</sup>Rosana Assef Faciola, <sup>3</sup>Fernando Augusto Ramos Pontes, <sup>4</sup>Viviam Rafaela Barbosa Pinheiro Freire e <sup>5</sup>Simone Souza da Costa Silva

<sup>1</sup>Professora Doutora da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém do Pará, Brasil; <sup>2</sup>Professora Doutora da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém do Pará, Brasil; <sup>3</sup>Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém do Pará, Brasil; <sup>4</sup>Terapeuta Ocupacional. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém do Pará, Brasil; <sup>5</sup>Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém do Pará, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 27<sup>th</sup> June 2020

Received in revised form

19<sup>th</sup> July 2020

Accepted 22<sup>nd</sup> August 2020

Published online 23<sup>rd</sup> September 2020

#### Key Words:

Dislexia. TDAH. Acessibilidade Pedagógica.  
Inclusão no Ensino Superior.

\*Corresponding author: Rosamaria Reo Pereira,

### ABSTRACT

O estudo analisou as percepções de estudantes com Transtornos Funcionais Específicos (TFE) no que tange as dificuldades encontradas quanto à acessibilidade pedagógica dos cursos de graduação do Campus do Guamá de Universidade Federal do Pará (UFPA). Os participantes da pesquisa, identificados por números, são três estudantes dos cursos de graduação e possuem o diagnóstico de dislexia e TDAH. Adotou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa utilizando como método o estudo de caso, assim como utilizou-se um tratamento quantitativo descritivo dos dados. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. Para análise dos dados utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo. A partir da análise das entrevistas foram identificadas quatro categorias: processo de ensino aprendizagem, avaliações, tecnologia assistiva e formação docente. Os resultados revelaram que a acessibilidade pedagógica não atende as necessidades específicas dos estudantes com dislexia e TDAH, pois os participantes da pesquisa relataram insatisfação no que se refere ao processo de ensino aprendizagem, avaliações, tecnologia assistiva e formação de professores. Compreender as dificuldades desses alunos pode contribuir para intervenções adequadas, assim como garantir o acesso a uma educação de qualidade e no planejamento de ações afirmativas que favoreça a inclusão de alunos com TFE no Ensino Superior.

Copyright © 2020, Rosamaria Reo Pereira et al., This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Rosamaria Reo Pereira, Rosana Assef Faciola, Fernando Augusto Ramos Pontes et al. 2020. "Inclusão e acessibilidade: percepção de estudantes com dislexia e tdah", *International Journal of Development Research*, 10, (09), 39962-39968.

### INTRODUCTION

A inclusão de alunos com deficiência é um tema que vem ganhando importância desde os meados da década de 1990, a partir da criação de políticas governamentais e de ações afirmativas nas Instituições de Ensino Superior (IES) Brasileiras, identificando-se a partir daí um aumento significativo do número de matrículas no Ensino Superior de alunos com deficiência (PLETSCH & LEITE, 2017). A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva traz em seus objetivos a garantia de Atendimento Educacional Especializado para pessoas com necessidades especiais (Brasil, 2008), estando seu conteúdo fundamentado na Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(Brasil, 1996) e mais recentemente na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que dispõe sobre a instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência. O termo necessidades educacionais especiais foi adotado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Este termo envolve os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e os distúrbios de aprendizagem. Estão incluídos nas necessidades educacionais especiais, os Transtornos Funcionais Específicos (TFE), como por exemplo, a dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (BRASIL, 2008). O estudante que apresenta TFE necessita de suportes educacionais específicos

que o ajudem a superar os obstáculos, permitindo que o mesmo obtenha sucesso escolar. Os distúrbios ou transtornos de aprendizagem são caracterizados por alterações neurobiológicas que prejudicam a aquisição e desenvolvimento da habilidade necessária à aprendizagem. Já as dificuldades de aprendizagem são resultado de problemas de ordem pedagógica, sem nenhuma alteração orgânica envolvida (MANO& MARCHELLO, 2015). O Distúrbio do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é, de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais V, um distúrbio neurobiológico, que surge na infância e acompanha a pessoa por toda a vida. Esse transtorno é caracterizado por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. O diagnóstico deste transtorno é clínico, estabelecido por meio dos critérios classificatórios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, Associação de Psiquiatria Norte Americana - APA, 2014).

Barkley e Benton (2011) ressaltaram que estudantes com TDAH são submetidos a obstáculos na sua trajetória desde a pré-escola até a universidade. Entre esses obstáculos está a falta de preparo das instituições de Ensino Superior e a falta de conhecimento dos profissionais sobre o tema. Para os autores, com o apoio familiar e educacional, esses estudantes terão a possibilidade de superar os vários obstáculos presentes no ambiente acadêmico. Oliveira e Dias (2015) realizaram uma revisão sistemática de literatura, que abrangeu o período de 2004 a 2014, com o objetivo de verificar de que maneira o diagnóstico do TDAH interferiu na trajetória acadêmica dos estudantes. Concluíram que os discentes com e sem diagnóstico tendem a ser semelhantes no que se refere ao autoconceito e ao bem-estar psicológico. Entretanto, os estudantes diagnosticados com TDAH apresentam mais dificuldades quanto à adaptação à universidade, como por exemplo, estabelecer novas relações de amizade, organizar-se e responder às demandas acadêmicas, formar vínculos com a instituição e apresentam preocupações com o desempenho acadêmico. Ainda no contexto acadêmico, o outro estudo de Oliveira e Dias (2017) objetivou identificar as principais dificuldades encontradas por 28 estudantes universitários com sintomas do TDAH e verificou que as estratégias de enfrentamento estavam associadas a uma melhor adaptação acadêmica. Os resultados evidenciaram que as dificuldades mais frequentes se referem à necessidade de maior autonomia, concentração e raciocínio, à relação com colegas e à falta de informação por parte dos cursos.

Já a dislexia é um transtorno de aprendizagem que compromete a capacidade da pessoa de ler e compreender um texto, de escrever e soletrar, por conta de uma dificuldade neurológica de transformar uma letra em som e de unir as letras para formar sílabas e palavras. A dislexia é um distúrbio específico de aprendizagem da leitura e escrita, no entanto, interfere em todos os âmbitos da vida da pessoa condicionado à forma como se percebe e como se relaciona com as outras pessoas nos mais diversos ambientes, desde familiares, educacionais e profissionais (SANTOS, 2014). Com o objetivo de investigar o aprendizado e as estratégias de estudantes universitários com dificuldades de aprendizagem, Ghani e Gathercole (2013) demonstraram que os alunos com dislexia estavam mais preocupados com seu desempenho escolar e acadêmico, comparados aos alunos sem distúrbios. Os autores concluíram que os alunos com dislexia apresentaram dificuldades na gestão do tempo e concentração para o aprendizado em sala de aula, como também na realização de

provas, dificuldades em selecionar e diferenciar informações daquelas menos relevante. Já a pesquisa de Medeiros, Azoni e Melo (2017) investigou a experiência do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no atendimento a estudantes com dislexia. A pesquisa revelou a invisibilidade destes estudantes a partir da escassez de pesquisas e da subnotificação destes na instituição de Ensino Superior. As dificuldades no conhecimento e reconhecimento do transtorno no âmbito clínico e educacional acabam gerando procura incipiente pelo diagnóstico e, conseqüentemente, ao ingressar na universidade, o estudante não encontra estratégias que poderiam beneficiá-lo em seu processo de aprendizagem. Além das leis e das políticas públicas que amparam a proposta inclusiva para o sistema de ensino, a política brasileira inclusiva reforça a necessidade dos alunos com dislexia e TDAH estarem inseridos no contexto educacional, participando de acordo com suas condições, sendo o ambiente escolar igualmente preparado para atendê-los nas suas necessidades educacionais específicas. Logo, esta pesquisa objetivou identificar e analisar as percepções dos estudantes universitários com dislexia e TDAH no que tange as dificuldades encontradas quanto à acessibilidade pedagógica no que se refere ao processo de ensino aprendizagem, avaliações, tecnologia assistiva e formação docente.

## MÉTODO

Este estudo consiste em uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, com dados quantitativos e qualitativo que visou obter informações sobre as ações de acesso e permanência de estudantes com dislexia e TDAH na UFPA.

**Ambiente:** A pesquisa foi desenvolvida nas dependências da UFPA *Campus* do Guamá - Belém. Este campus está dividido em quatro setores: Básico, Profissional, Saúde e Parque de Tecnologia. O *campus* possui uma população de aproximadamente 20.606 alunos de graduação, disponibiliza 75 cursos de Graduação e 70 de Pós-Graduação (Universidade Federal do Pará – UFPA, 2018).

**Participantes:** O processo de seleção dos participantes foi feito por meio do contato com a Direção Geral do Centro de Registros e Indicadores Acadêmicos (CIAC) e com a Coordenadoria de Acessibilidade (CoAcess) da UFPA sendo solicitado informações referentes aos estudantes com deficiência matriculados na instituição no período de 2012 a 2015. Após apreciação do projeto, estas unidades liberaram uma lista com o nome de 192 estudantes, assim como o curso, o ano de matrícula, o tipo de deficiência, o contato telefônico e o *e-mail*. Dos 192 estudantes com deficiência que foram contactados, 142 foram excluídos da pesquisa pelos seguintes motivos: um estudante não estudava no *Campus* do Guamá, 66 alunos afirmaram que a sua deficiência não lhes prejudicava dentro do *campus* e que conseguiam desenvolver suas atividades acadêmicas sem nenhuma dificuldade, 43 apresentaram problemas com o contato disponibilizado, 22 cancelaram o curso e dez não aceitaram participar do estudo por motivo de força maior, restando 50 estudantes com deficiência. Dentre estes, três estudantes que apresentavam dislexia e TDAH aceitaram participar deste estudo, sendo uma participante do sexo feminino e dois do sexo masculino. A faixa etária variou entre 19 e 22 anos de idade. A fim de preservar suas identidades, os participantes foram identificados por meio de números.

**Tabela 1. Percepção acerca da acessibilidade pedagógica na UFPA**

	Processo de Ensino Aprendizagem	Avaliações	Tecnologia Assistiva	Formação de Professores
Percepção Positiva	37%	33%	16%	33%
Percepção Negativa	63%	67%	84%	67%

**Instrumentos de Recolha de Dados:** Para recolha dos dados, um questionário sociodemográfico e acadêmico foi adaptado e aplicado. Este instrumento foi dividido em duas etapas sendo a primeira constituída por perguntas fechadas referentes ao levantamento de variáveis sociodemográficas e acadêmicas. A segunda parte desse instrumento foi elaborado a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado composto por 16 perguntas abertas que versaram sobre acessibilidade pedagógica que abordava o processo de ensino aprendizagem, avaliações, tecnologia assistiva e formação docente. A coleta de dados ocorreu nas dependências físicas da universidade, em horário pré-estabelecido pelos participantes de modo a não interferir em suas atividades acadêmicas dos mesmos. No início da entrevista, cada participante foi informado dos objetivos gerais do estudo, formalizado o convite para participação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que garante a participação voluntária, a confidencialidade e o anonimato.

**Análise dos Dados:** As informações obtidas nesse estudo permitiram tanto um tratamento quantitativo descritivo como um tratamento qualitativo, sendo os discursos dos entrevistados foram analisados utilizando a proposta de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). As percepções dos participantes foram organizadas em torno de quatro dimensões, que totalizavam: a) o processo de ensino aprendizagem, b) avaliações, c) tecnologia assistiva (TA) e d) formação docente. Todas as categorias foram classificadas considerando dois aspectos, a saber: positivo e negativo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos com os três estudantes com dislexia e TDAH revelaram que dois são do sexo masculino e uma participante do sexo feminino e a faixa etária variou entre 19 e 22 anos de idade.

### A Percepção sobre a Acessibilidade Pedagógica da UFPA:

A Tabela 1 apresenta percepção dos participantes acerca das dimensões inerentes a acessibilidade pedagógica. No que se refere ao processo de ensino aprendizagem, houve respostas negativas em 63% dos itens, o que denota maior insatisfação dos estudantes em relação as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes diante do desafio de ensinar os alunos com dislexia e TDAH. Por outro lado, a percepção positiva esteve presente em 37% nesta mesma dimensão. Quanto aos dados acerca das avaliações, a maior parte das respostas (67%) expressaram percepção negativa em relação ao apoio dispensado ao aluno nestas situações, quando comparado com 33% de percepções positivas. Em relação a TA, houve resposta negativa para 84% dos itens, o que indica que esses serviços não estavam sendo oferecidos de modo satisfatório. Em contraste, a percepção positiva foi encontrada em 16% dos dados desta dimensão. Por fim, verificou-se percepção negativa na maioria (67%) das respostas acerca da formação dos docentes, quando comparado com os itens classificados como positivos nesta dimensão (33%).

**Percepção acerca da Categoria Processo de Ensino Aprendizagem na UFPA:** Os relatos dos estudantes sobre a percepção quanto ao processo de ensino aprendizagem, na

universidade foram agrupados em duas categorias: percepção positiva (37%) e percepção negativa (63%). Os estudantes reportaram uma avaliação positiva (37%) quanto ao processo de aprendizagem, no que se refere as estratégias e métodos utilizados em sala de aula em relação aos conteúdos das disciplinas, dos recursos pedagógicos utilizados pelos professores, do estagiário de apoio, das atividades em grupo, da entrega de textos e de atividades impressas, da divisão do conteúdo em partes menores e da oportunidade de gravar as aulas. O participante dois relatou “que nos materiais que ele tem dificuldade, ele pede uma explicação, e entende que ele precisa que o professor tente explicar de uma outra maneira”. Para o participante três:

Um professor que coloca um texto para copiar e fica discutindo o texto é maravilhoso. Trabalhar em grupo, inclusive é até melhor, porque tenho mais chance de abrir as perguntas com os meus amigos. Tenho uma professora que se preocupa que colocar em slides e coloca tópicos, subtópicos, e dá um tempo para a gente copiar os slides e até gravar as aulas (participante 3 –dislexia e TDAH).

A despeito da percepção positiva dos participantes sobre o processo de ensino aprendizagem, 63% revelaram percepção negativa indicando que os alunos não estão satisfeitos principalmente no que se refere ao atendimento individualizado oferecido pelo professor, no processo de adaptação curricular, da apresentação do conteúdo das aulas em partes, da gravação das aulas, da disponibilização de textos e materiais impressos e trabalhos em grupo, conforme os depoimentos dos participantes:

Um professor disse que era um direito dele que o aluno não gravasse a aula, a aula era dele, e o que ele me deu a entender era que eu poderia me apropriar da aula e vender. Eu presto atenção na aula, porque eu ouvindo, eu aprendo mais do que lendo o texto (participante 2 - dislexia e TDAH). Nem todos os professores oferecem atendimento individualizado. Seria muito bom se eles mandassem logo todo o conteúdo de uma vez no início do curso. Não gosto de trabalhar em grupo, eles já vêm com aquela mentalidade de que eu sou incapaz e fica chato, ficar tentando convencer que não (participante 1- dislexia e TDAH). Tem uma professora que dividi os assuntos. Eu não vou conseguir copiar e prestar a atenção no que o professor tá falando por que eu faço uma coisa chamado de “hiperfoco” ou eu foco no que ele tá falando ou eu foco no que ele escreveu (participante 3- dislexia e TDAH).

Observou-se que os participantes (63%) manifestaram descontentamento com os serviços de apoio. No entanto, apesar de alguns professores terem manifestado preocupação com as formas de ensinar, os estudantes identificaram aspectos favorecedores do seu desenvolvimento acadêmico. Por outro lado, a falta de preocupação de alguns professores de explicar o conteúdo de diferentes formas e pausadamente ainda é um problema. Segundo Silva (2017), estudantes com os sintomas relativos ao TDAH precisam da mediação em sua aprendizagem. Eles podem apresentar dificuldades com organização, planejamento e com o gerenciamento da atenção. Notou-se o descontentamento de alunos que não receberam

uma atenção individualizada. O aluno com diagnóstico de dislexia precisa de uma atenção diferenciada. O professor precisa checar como ele faz suas anotações e, ainda, lhe indicar estratégias de estudo (BOTBA & BRAGGIO, 2016). Quanto as atividades em grupo, os participantes reclamaram do comportamento de seus colegas de classe. Esse contato deve ser estimulado pelo professor já que contribui para o seu desenvolvimento cognitivo, bem-estar subjetivo, assim como para o apoio social (SENA & SOUZA, 2010). Pini (2019) afirma a necessidade da melhoria na capacitação de professores objetivando uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, para que o mesmo esteja apto a reconhecer um distúrbio de aprendizagem, como por exemplo, a dislexia e/ou TDAH. A autora afirma que a ausência desse conhecimento tem feito com que distúrbios de aprendizagem sejam confundidos com dificuldades comuns que fazem parte do processo de aprendizagem, como fatos isolados ou atribuindo ao aluno a culpa pela dificuldade de aprender. É importante que o docente esteja preparado para identificar as várias dificuldades de aprendizagem, assim como os distúrbios de aprendizagem, haja vista que ele é o primeiro profissional a se deparar com tais obstáculos, que por sua vez, podem se tornar barreiras pedagógicas ao invés de acessibilidade pedagógica, pois deixa de levar em consideração as especificidades de aprendizagem de cada aluno. Quanto adaptação curricular, Pansanato, Rodrigues e Silva (2016) apontaram a importância das adaptações curriculares de pequeno porte que os professores podem promover em sala de aula, como por exemplo, a adaptação de objetivos, de conteúdo, de métodos de ensino, da organização didática, da avaliação e da temporalidade do processo de ensino aprendizagem.

#### **A Percepção acerca da Categoria Avaliação na UFPA :**

Observou-se que os participantes fizeram uma avaliação positiva (33%) em relação ao tempo disponibilizado para realização das provas e a leitura de seus enunciados. O participante três relatou “que o tempo lhe foi cedido para ler o enunciado e se certificar que entendeu tudo sozinha. Precisa aprender a fazer a leitura e aprender a compreender (leitura) durante a prova”. Já o participante um relatou “que os professores fazem a leitura pra turma, pra ficar logo esclarecido e não ficarem perguntando “O que é isso?”.

Quanto às percepções negativas, 67% das falas dos participantes destacaram dificuldades relacionadas ao tempo insuficiente para realização das provas, a leitura dos enunciados dos testes não era realizada pelos professores e a forma de avaliação não é diferenciada dos demais colegas. O participante dois mencionou que “a prova não é diferenciada, pois são três provas e é muito irritante ficar fazendo as três, só duas pra mim já era o suficiente. Fiquei reprovado porque não consegui acompanhar o ritmo da professora. Muita coisa pra estudar”. O participante um esclareceu que “os professores não dão mais tempo para fazer as provas. O modo deles avaliarem deveria ser diferenciado. Não dá pra fazer uma prova escrita como os meus outros colegas”. Em relação a fala do participante dois, o mesmo relata que:

Eu poderia fazer uma prova escrita se eu tivesse uma pessoa para transcrever a minha prova. A faculdade tinha que me proporcionar isso. Uma professora por não saber que eu tinha a minha deficiência passou uma prova escrita. Ela não avaliou na verdade o meu conceito, ela avaliou a minha escrita ao invés do conteúdo, comparando com um amigo que tirou nove,

e eu recebi sete (participante 2- dislexia e TDAH). Outro ponto do ambiente acadêmico apontado pelos estudantes como algo que não os agrada e, conseqüentemente, o que contribui para o insucesso acadêmico foi o fator de ter que ser avaliado do mesmo modo que seus colegas de classe utilizando a avaliação tradicional. A forma tradicional e rígida de ensino empregada por alguns professores desagradou e dificultou a aprendizagem dos participantes porque os conduziu a ter uma rotina de três avaliações acumulativas. Para Effgem, Canal, Missawa e Rossetti (2017), o estudante com o diagnóstico de TDAH necessita de um ambiente estruturado e que o auxilie no sentido de não deixar acumular o conteúdo para avaliação. Ele se desenvolve melhor com poucas quantidades de matéria e fixação constante de conteúdo. Em relação as provas, caso o professor tenha dificuldade para compreender a escrita do estudante com dislexia, deve pedir que o mesmo expresse verbalmente sua resposta nas provas e para registrar a avaliação, o professor deve utilizar como recurso a gravação em áudio ou em vídeo.

Quanto ao direito de ter horário estendido para a realização da avaliação, observou-se que nem todos os docentes conhecem os sintomas da dislexia e do TDAH, nem tampouco, a necessidade de ampliar o tempo de prova para esse público. Essa situação causa desconforto e desmotiva o aluno a continuar, prejudicando assim o seu desempenho acadêmico, pois acredita-se que os professores desconhecem o que menciona a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que instrui sobre o aumento de tempo, conforme demanda apresentada pelo aluno com deficiência, tanto na realização de exame para seleção quanto nas atividades acadêmicas, mediante prévia solicitação e comprovação da necessidade (BRASIL, 2015).

Em relação as realizações das avaliações de alunos com sintomas de dislexia, Moura (2013) cita alguns aspectos que o professor precisa levar em consideração, como por exemplo, realizar sempre que possível avaliações por meio de provas orais, prever um tempo extra como recurso obrigatório, evitar a utilização de testes de múltipla escolha, valorizar os trabalhos pelos conteúdos e não pelos erros de escrita e oportunizar uma sala individual para fazer as avaliações.

**A Percepção sobre a Categoria TA na UFPA :** Observou-se que apesar dos participantes (16%) relatarem que existe computadores na instituição, 84% mencionou que não há uma acessibilidade tecnológica voltado para suas dificuldades de aprendizagem e, ainda, desconhecem essa dimensão. O participante três falou “que na sua faculdade, tem laboratório, bem pequeno, mas não tem adaptação para sua deficiência”. O participante um disse “que nunca usou um laboratório e nunca utilizou a Internet”. O participante dois relatou “que utiliza os computadores da UFPA, mas não existe nenhum adaptado ao seu problema, porque tem uns que a letra tá apagada do teclado, aí não dá pra diferenciar e o computador trava”. Percebeu-se nos relatos dos participantes da pesquisa a ausência da TA no cotidiano desses alunos, principalmente no que se refere aos computadores com recursos para suas dificuldades, equipamentos multimídia ou até mesmo laboratórios onde eles poderiam desenvolver seus estudos. O mundo da tecnologia avança rapidamente, no entanto a evolução da TA dentro da UFPA não acompanha a evolução de matrículas de estudantes com dislexia e TDAH, no sentido de não estarem acessíveis a esse público. As tecnologias assistivas são técnicas de ajuda que possibilitam ao acadêmico

com alguma deficiência almejar a autonomia no processo de ensino aprendizagem de forma eficiente e com qualidade (BRASIL, 2008). No contexto da educação inclusiva, ela é fundamentada na concepção dos direitos humanos e no direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação e para que, todos tenham suas necessidades atendidas (BRASIL, 2008). Alguns estudiosos no tema apontaram a importância da utilização da TA como uma estratégia de aprendizagem de pessoas com deficiência. Pansanato et al. (2016) ressaltaram a utilização de *software* específico para a necessidade de cada aluno, promovendo a permanência e a inclusão no processo de ensino aprendizagem. Seale, Georgeson, Mamas e Swain (2015) objetivaram analisar o uso de tecnologias para facilitar o aprendizado de estudantes com deficiência na Educação Superior em uma universidade do Reino Unido nos anos 2012 e 2013. Os autores concluíram que as instituições de Ensino Superior precisam organizar e planejar tecnologias, que atendam às necessidades desse público para que tenham acesso a todos os contextos envolvidos neste nível de ensino.

Carvalho e Carvalho (2017) mencionaram a importância da utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, favorecendo a maior qualidade do ensino aprendizagem dos estudantes. Os autores observaram que é preciso incluir esses recursos no momento do planejamento das aulas, para que a aprendizagem seja de fato significativa. Destacaram a necessidade de que a equipe escolar esteja preparada para lidar com as tecnologias e recursos digitais, a fim de favorecer o adequado processo de uso destas, especialmente, em situações inclusivas. A TA ainda é um tema desconhecido, tanto da comunidade em geral quanto nas universidades, e, por conseguinte, está quase ausente das políticas públicas. Tal afirmação vai ao encontro do estudo de Cidrim e Madeiro (2017) que objetivou apresentar uma revisão integrativa da literatura, onde analisaram artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais que abordavam o uso das tecnologias aplicadas à dislexia. Em meio à escassez de artigos publicados no Brasil, verificaram a necessidade de mais estudos sobre essa temática, tendo em vista os benefícios da tecnologia no âmbito da avaliação e intervenção em dislexia constatados nos artigos internacionais. Pela legislação brasileira, alunos com TFEs, como aqueles com dislexia e TDAH, não fazem parte do quadro oficial da Educação Especial, embora também possam enfrentar barreiras no Ensino Superior. No entanto, a UFPA apoia estes alunos por meio da CoAcess, que está ligado diretamente à Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST). A CoAcess foi criada com o intuito de garantir, com mais qualidade, a acessibilidade para os alunos com deficiência da UFPA e aos demais públicos matriculados na instituição. Apesar de ter o CoAcess como assessoria de apoio, o dado demonstrou que a TA no que se refere ao auxílio no processo de ensino aprendizagem ainda não chegou na UFPA. Foi possível perceber, segundo as falas dos participantes, que nenhum tipo de TA é utilizado e nem mesmo alguns laboratórios estão disponíveis, o que comprova a falta de informação dos entrevistados e/ou da indisponibilidade desse recurso por parte da instituição.

**A Percepção sobre a Categoria Formação de Professores na UFPA:** Os relatos dos estudantes sobre a percepção da categoria formação de professores foram agrupados em duas categorias: percepção positiva (33%) e percepção negativa (67%). Observou-se que os participantes fizeram uma

avaliação positiva (33%) em relação a formação dos professores no que se refere a ter conhecimento sobre o transtorno, experiência em sala de aula e a importância de ter um professor com formação na área. O participante três relatou que “existem alguns professores que aceitam a sua deficiência e se interessam em pesquisar sobre dislexia e TDAH”. O participante um mencionou que “em relação aos professores da faculdade, teve só uma professora que estava dando aula que já tinha tido experiência com um aluno com dislexia. Os professores tentam realmente ajudar, mas eles estão ali pra um aluno com plena capacidade”. No entanto, observou-se em 67% dos relatos que os alunos não estão satisfeitos em relação a formação dos professores no que se refere a ter conhecimento sobre o transtorno, experiência em sala de aula e a importância de ter um professor com formação adequada na área, conforme o relato do participante dois:

Eu tenho TDAH e dislexia e a professora falou que conhecia as “gambiragens” dos alunos para não estudar para as provas. Outros professores ou não conheciam ou não aceitavam. Tenho aula de desenho e um dos meus problemas é que eu espelho as coisas. Algumas letras como b e d, eu espelho uma da outra (participante 2 – dislexia e TDAH). Muitas dificuldades acadêmicas percebidas pelos participantes da pesquisa são atribuídas ao desconhecimento dos professores, que ainda é muito frágil, sobre a dislexia e o TDAH e da falta de experiência dos mesmos em lidar com esse público em sala de aula. Adicionalmente, percebeu-se nos relatos dos participantes a falta de sensibilidade dos docentes nas correções das avaliações, nas quais os professores ignoravam as dificuldades dos alunos e descontavam pontos, reduzindo o conceito final, mesmo tendo, algumas vezes, conhecimento do transtorno de aprendizagem do seu aluno. A falta de conhecimento dos professores, segundo Mangas e Sánchez (2010), acerca dos sintomas da dislexia e do TDAH no Ensino Superior pode causar consequências tanto comportamentais quanto emocionais. Neste sentido, Sales, Moreira e Couto (2016) chamam atenção para as barreiras atitudinais que os professores criam por não saberem lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e nem questionarem as necessidades de uma intervenção pedagógica diferenciada, gerando dessa maneira estereótipos e segregação social. Além da falta de conhecimento acerca dos sintomas da dislexia e do TDAH, alguns pesquisadores (CALHEIROS & FUMES, 2016; FREITAS, DELOU, & CASTRO, 2015; LANA; CASTRO, & MARQUES 2016; PANSANATO et al. 2016) constataram que o professor do Ensino Superior não está preparado para receber o aluno com deficiência, pois não possui formação específica e, quando tem o interesse, não encontra um suporte teórico suficiente para solucionar as dificuldades na inclusão desse público. Freitas et al. (2015) assinalam que os professores precisam de formação continuada, porém acrescentam que uma prática pedagógica inclusiva inicia na formação profissional, no instante em que está cursando uma licenciatura e tem acesso ao ensino, pesquisa e extensão sobre a Educação Especial. Já na pesquisa de Calheiros e Fumes (2016) acerca da formação e das experiências pedagógicas de docentes de uma universidade federal, os autores mencionaram que o número de professores que tiveram experiências com alunos com deficiência foi muito pouco, sendo que nenhum tinha uma formação específica para atuar com educação inclusiva. Concluíram que há a necessidade de um maior investimento na formação do docente do Ensino Superior, haja vista o contínuo aumento de matrículas de estudantes com deficiência neste nível de ensino. Os resultados mencionados

por Calheiros e Fumes (2016) corroboram o que foi percebido nas falas dos participantes da presente pesquisa. Os professores não estão preparados para receber alunos com dislexia e TDAH em suas aulas. Acredita-se que a maioria dos professores não estuda o assunto, desconhece a legislação e o TFE não é nem discutido nos currículos dos cursos.

### Considerações Finais

O presente estudo objetivou descrever e analisar as percepções dos estudantes com dislexia e TDAH no que tange as dificuldades encontradas quanto à acessibilidade pedagógica do Campus de Belém da UFPA. Em termos gerais, os participantes fizeram uma avaliação negativa da instituição em relação aos processos de ensino aprendizagem, avaliações, TA e formação de professores. O dado mostra que não há suporte, na universidade, em relação aos recursos didáticos que possibilitem acessibilidade do aluno com dislexia e TDAH ao processo de ensino aprendizagem, assim como verificou-se a ausência de uma formação adequada, que subsidie a prática pedagógica do docente, que possa, com efeito, auxiliar os alunos em sua aprendizagem. Além do mais, observou-se uma lacuna existente, no que diz respeito a TA, relativo a conteúdos necessários aos processos de ensino aprendizagem. A TA tem como objetivo facilitar a inserção desses alunos no ambiente acadêmico, haja vista que é uma área do conhecimento, que engloba recursos, metodologias e práticas que objetivam promover o acesso e permanência desse público na instituição. Assim, há necessidade de maior investimento e atenção por parte da UFPA nos recursos de TA disponibilizados a esses alunos. Neste contexto, os achados da presente pesquisa corroboram o que Trindade, Mallmann e Toebe (2016) ressaltam quando mencionam que muitas instituições de ensino ainda estão em processo inicial de integração das tecnologias nos processos educacionais inclusivos. As universidades precisam observar cada contexto e as necessidades de cada um dos seus alunos. Os autores destacam a importância da TA no aprimoramento dos processos educativos inclusivos. Neste sentido, o uso das tecnologias inclusivas na UFPA, em relação à amostra estudada, ainda não é a realidade da Educação Inclusiva, pela falta de equipamentos e pelo despreparo dos docentes. Os resultados obtidos nesta pesquisa apontaram para relevâncias discussões acerca da inclusão dos estudantes com dislexia e do TDAH especificamente no contexto do Ensino Superior. Tais resultados contribuíram para literatura, ainda tão escassa, sobre a importância de mais estudos sobre a inclusão desse alunado nas universidades. Desse modo, acredita-se que a análise da percepção dos entrevistados acerca de sua própria inclusão pode contribuir para a manutenção acadêmica deste público na instituição, assim como para guiar os gestores, coordenadores e docentes da UFPA e de outras instituições de Ensino Superior na implementação de medidas que promovam a inserção e permanência dos estudantes com deficiência na universidade. Apesar de restrito a uma única instituição e com um número reduzido de participantes, sugere-se a continuidade de estudos relativos a essa temática, com a inclusão de outras instituições de Ensino Superior e um número maior de participantes o que permitirá melhor conhecer a realidade desse alunado.

### REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Borba, A. L., & Braggio, M. Â. (2016). *Como interagir com o disléxico em sala de aula*. Recuperado em 14 junho 2018, de <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>.
- Barkley, R. A., & Benton, C. M. (2011). *Vencendo o TDAH Adulto*. Artmed. Porto Alegre.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Diário Oficial da União.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP.
- Brasil. (2015). *Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília.
- Calheiros; D.S., & Fumes, N.L.F. (2016). Experiências e saberes de professores universitários em relação à inclusão de alunos com deficiência na educação superior. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, 25(46), 239-255.
- Carvalho, N. B., & Carvalho, A.C.F. (2017). O uso dos recursos tecnológicos atuais e sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem na Escola Municipal Érico Veríssimo, Simões-PI. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 10(33), 112-125.
- Cidrim, L., & Madeiro, F. (2017). Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas à dislexia: revisão de literatura. *Rev. CEFAC*, 19(1), 99-108.
- Effgem, V., Canal, C. P. P., Missawa, D. D. A., & Rossetti, C. B. (2017). A visão de profissionais de saúde acerca do TDAH - processo diagnóstico e práticas de tratamento. *Constr. Psicopedagógicas*, 25(26), 34-45.
- Freitas, C. G., Delou, C. M., & Castro, H. C. (2015). Alunos com deficiência: investigação e análise das condições de atendimento de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil. *Revista Educação Especial*, 28(53), 765-778.
- Ghani, K. A., & Gathercole, S. E. (2013). Working memory and study skills: a comparison between dyslexic and non-dyslexic adult learners. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 97, 271-277.
- Lana, Z. M. O., Castro, F. G. A. S., & Marques, S. M. F. (2016). Memória e identidade docente de uma professora surda do Ensino Superior. *Revista Educação Especial*, 29(54), 69-82.
- Mangas, C., & Sánchez, J. (2010). A dislexia no Ensino Superior: características, consequências e estratégias de intervenção. *Revista Ibero-Americana de Educação*, 53(7), 1-14.
- Mano, A. M. P., & Manchello, A. M. S. (2015). Dificuldades e distúrbios de aprendizagem na concepção de professores de séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Científica Eletrônica da Pedagogia*, 13(25), 1-14.
- Associação de Psiquiatria Norte-Americana – APA (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Medeiros, E. C. M. R., Azoni, C. A. S., & Melo, F. R. L.V. (2017). Estudantes com dislexia no ensino superior e a atuação do núcleo de acessibilidade da UFRN. *Inc.Soc.*, 11(1), 118-128.
- Moura, S. P. T. (2013). *A dislexia e os desafios pedagógicos*. Monografia de Especialização não publicada,

- Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica, Universidade Cândido Mendes, Niterói. Recuperado em 01 abr. 2018, de [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205864.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf).
- Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2015). Repercussões do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) na experiência universitária. *Psicol. Cienc. Prof.*, 35(2), 613-629.
- Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2017). Dificuldades e estratégias de enfrentamento de estudantes universitários com sintomas do TDAH. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 269-280.
- Pansanato, L. T. E., Rodrigues, L., & Silva, C. E. (2016). Inclusão de estudante cego em curso de análise e desenvolvimento de sistemas de uma instituição pública de ensino superior: um estudo de caso. *Revista Educação Especial*, 29(55), 471-486.
- Pini, W. C. S. (2019). *Dislexia e a formação de docentes: elaboração de um curso à distância para professores do ensino regular*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru.
- Pletsch, M. D., & Leite, L. P. (2017). Análise da produção científica sobre a inclusão no ensino superior brasileiro. *Educar em Revista*, 33(3), 87-106.
- Sales, N. Z., Moreira, M. R., & Couto, E. S. (2016). O convívio acadêmico: representações sociais de alunos com Necessidades Educacionais Especiais. *Revista Educação Especial*, 29(55), 295-307.
- Santos, J. S. (2014). *Uma proposta para concepção de um software educacional para auxiliar a alfabetização de crianças com dislexia*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Computação, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Patos.
- Seale, J., Georgeson, J., Mamas, C., & Swain, J. (2015). Not the right kind of 'digital capital'? An examination of the complex relationship between disabled students, their technologies and higher education institutions. *Computers & Education*, 82, 118-128.
- Sena, S. S., & Souza, L. K. (2010). Amizade, infância e TDAH. *Contextos Clínicos*, 3(1), 18-28.
- Silva, R. T. (2017). *Hiperatividade e Déficit de Atenção no Contexto Escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa.
- Trindade, V. M. C., Mallmann, E. M., & Toebe, I. C. D. (2016). Tecnologias educacionais nas práticas escolares da educação especial. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 7(2), 24-33.
- Universidade Federal do Pará – UFPA (2018). *UFPA em números: ano base 2017*. Recuperado em 24 jul. 2019, de <http://www.ufpanumeros.ufpa.br/index.php/3-ensino>

\*\*\*\*\*